



“DE ONDE VEM A CHUVA?” ESCUTA, PARTICIPAÇÃO E NARRATIVAS DO COTIDIANO NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ÂMBITO DO PIBID

Nataliane Souza Bispo ¹
Gabrielly Santos Souza ²
Ana Carolina Barbosa Santos ³
Milane Silva Oliveira ⁴
Larissa Monique de Souza Almeida ⁵

RESUMO

Este trabalho relata a experiência do projeto didático “A semana mundial da água” no Centro de Educação Infantil Jorge Luiz Oliveira de Jesus, localizado em Jequié, na Bahia, que aconteceu em abril de 2025 com as crianças da turma do Grupo 4, durante as ações pedagógicas do Subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Partimos das concepções da abordagem dos Círculos de Culturas da Infância - CRIA, que reconhece as crianças como centro das ações e da mediação docente. As atividades desenvolvidas foram registradas em narrativas do cotidiano, que documentam os relatos detalhando a data, o local, e como aconteceu cada contexto. Portanto, ao reconhecer a criança como sujeito de direitos e protagonista do processo educativo, a proposta didática foi oriunda de um processo de escuta, valorizando seus saberes e hipóteses. “De onde vem a chuva?” A partir dessa provocação, surgiram especulações, que coadunaram em propostas de contextos, oportunizando explorar e brincar sobre a origem da chuva. Os resultados evidenciam que vivências baseadas na curiosidade da criança, na escuta atenta e no diálogo contribuem para a construção de um ambiente de aprendizagem sensível e respeitoso. Percebemos também que a escuta dos adultos, assim como o uso de perguntas provocativas, pode potencializar o interesse e a participação das crianças no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, as narrativas do cotidiano podem ser utilizadas como fio condutor de aprendizagens e como estratégia de planejamento docente. Logo, este relato busca contribuir com a reflexão e a ação sobre o papel do adulto na mediação de saberes e na valorização da cultura da infância no cotidiano escolar da Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, Participação, Escuta, Narrativas do Cotidiano.

INTRODUÇÃO

As ações pedagógicas descritas neste relato de experiência fazem parte das vivências realizadas no âmbito do Subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB),

1 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - BA, 202220660@uesb.edu.br;

2 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - BA, 202320300@uesb.edu.br;

3 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - BA, 202220878@uesb.edu.br;

4 Pedagoga pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - BA, milane.oliveira@uesb.edu.br;

5 Professor orientador: Doutora em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - BA, larissa.almeida@uesb.edu.br.





Campus de Jequié, desenvolvidas na turma do Grupo 4 no Centro de Educação Infantil Jorge Luiz Oliveira de Jesus (CEI Jorge Luiz). Elas foram pensadas e acompanhadas a partir de uma proposta que valoriza a escuta, o protagonismo infantil e a intencionalidade pedagógica (Silva e Almeida, 2024).

O CEI Jorge Luiz, está localizado no bairro Brasil Novo na cidade de Jequié, na Bahia, e oferece atendimento para Educação Infantil, abrangendo as seguintes etapas: berçário crianças de 1 a 2 anos, creche destinada a crianças com idade entre 2 a 4 anos, e a pré-escola, voltada para crianças de 4 a 6 anos. Entretanto, as ações pedagógicas foram realizadas com a turma da pré-escola, Grupo 4 do turno matutino e vespertino, em que acontecem as ações do PIBID no Subprojeto de Pedagogia. Ambas turmas são compostas por 25 crianças com a idade de 4 a 5 anos, sob a responsabilidade da professora supervisora e apoio de três auxiliares de classe.

As ações foram organizadas com base nas concepções da abordagem dos Círculos de Cultura da Infância (CRIA), inspirada nas Pedagogias da Infância, nos estudos de Paulo Freire e na abordagem histórico-cultural, que reafirma o papel do professor como mediador das ações no ambiente escolar e as crianças como sujeitos ativos, produtores de cultura, seres sociais e participantes (Silva, 2024). Para documentar e refletir sobre essas vivências foram elaboradas narrativas do cotidiano, compreendida como documento descritivo, que narra detalhadamente as histórias construídas nos espaços escolares e nas relações dos professores, crianças e bebês. Essas ações estão de acordo com a sugestão do autor Tolstói⁶, sobre narrar seus próprios contextos culturais, que são vividos, sentidos e percebidos.

Este trabalho configura-se como um relato de experiência e tem como objetivo contribuir com a reflexão e a ação sobre o papel do adulto na mediação de saberes e na valorização da cultura da infância no cotidiano escolar da Educação Infantil. A partir do projeto didático “A semana Mundial da água”, que tem como foco oportunizar experiências de forma lúdica e brincante às crianças sobre o lugar da água na nossa vida. Este projeto acontece anualmente no CEI Jorge Luiz. Em 2025, teve início no dia 10 de março e se estendeu até o dia 27 de março, sendo realizado em comemoração ao Dia Mundial da Água, celebrado no dia 22 do referido mês.

Durante o evento, foram trabalhados temas como preservação, higiene e alimentação. Essas atividades foram realizadas de forma lúdica e prática, para que as crianças pudessem compreender melhor cada processo. A professora da sala referência, que também exerce a

⁶ Liev Tolstói foi um importante autor do realismo russo, nasceu na Rússia em 1828 e faleceu em 1910. Tolstói obteve sucesso entre 1852 e 1856, na publicação de sua trilogia - Infância, Adolescência e Juventude.





função de supervisora do PIBID, foi a responsável em acompanhar os acadêmicos durante este processo de observação e desenvolvimento das atividades pedagógicas. Ao decorrer de sua atuação, foi possível perceber a articulação entre teoria e prática, e refletir sobre a importância das narrativas, da escuta sensível, do papel do mediador e do reconhecimento da criança como sujeito das vivências escolares. Assim, para fins deste relato, serão apresentadas duas narrativas, cuja proposta evidenciou de forma marcante como as ações e reflexões junto com a mediação docente contribuem para o protagonismo infantil e para a construção de aprendizagens significativas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa fundamenta-se como caminho metodológico uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo. Moresi (2003) apresenta uma sistematização que auxilia na caracterização da pesquisa quanto à sua natureza, objetivos e procedimentos técnicos. De acordo com o autor, a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos sociais a partir da interpretação de significados, valores e relações, em oposição à pesquisa quantitativa, que privilegia a mensuração de dados. Para Moresi (2003), esse tipo de abordagem é apropriado quando se pretende analisar contextos educacionais, em que as experiências, discursos e práticas dos sujeitos assumem centralidade.

O referencial metodológico deste estudo fundamenta-se na abordagem do Círculos de Culturas da Infância (CRIA), que reconhece a criança como protagonista e criadora de cultura, ressaltando a importância de suas falas, gestos, hipóteses e formas de entender o mundo. Essa perspectiva compreende o dia a dia escolar como um espaço de trocas, descobertas e invenções, onde o professor atua como mediador sensível, escutando e dialogando com as formas de pensar das crianças. Segundo Silva (2024), narrar o cotidiano é um ato pedagógico e político que permite tornar visíveis as culturas da infância e a autoria das crianças em suas experiências.

O trabalho deu início com a escuta atenta e a observação das curiosidades e falas das crianças sobre a água, possibilitando que o planejamento viesse de seus interesses e hipóteses. A partir daí, foram criadas experiências que exploraram a imaginação, a oralidade, a experimentação e o contato sensorial com o tema. Durante a execução do projeto, o espaço da sala estava organizado de modo lúdico, com cartazes, nuvens com gotinhas e guarda-chuvas coloridos, criando um ambiente que favorecia o encantamento e o envolvimento das crianças.

As propostas incluíram rodas de conversa, músicas e questionamentos que despertaram a curiosidade, como: “De onde vem a chuva?”. Essa pergunta provocou as



crianças a pensar, levantar hipóteses e dialogar entre si, muitas vezes misturando elementos da imaginação e das experiências vividas. A sala referência da turma está organizada de forma a proporcionar sentido e significado para as crianças. Todos os materiais lúdicos expostos, são confeccionados por elas a fim de valorizar a participação ativa, como é possível verificar na figura abaixo:

Figura 01: Confeção de cartaz



Fonte: Fotografia dos autores (2025)

Portanto, o presente relato apresenta um recorte específico do dia 24 de março de 2025 do projeto didático “Semana Mundial da Água”, cuja proposta evidenciou de forma marcante a elaboração de duas narrativas do cotidiano em turnos diferentes. Dessa forma, a abordagem articula planejamento sensível, escuta ativa, experiências lúdicas e registros narrativos, evidenciando o papel do adulto como alguém que potencializa a participação das crianças, promove o pensamento crítico e potencializa a imaginação. Essa prática mostra que o olhar atento e a valorização das culturas da infância tornam o ambiente educativo mais rico, afetivo e instigante, em que aprender acontece de forma natural, significativa e prazerosa.

No que diz respeito às questões éticas, é importante ressaltar que todos os nomes das crianças citados nas narrativas foram usados com autorização prévia dos responsáveis. As famílias receberam um termo de consentimento que detalhou os objetivos do presente projeto, que garantia que as imagens e falas das crianças seriam usadas exclusivamente para propósitos pedagógicos e acadêmicos, respeitando a privacidade e a integridade de cada participante.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Infantil é um espaço de múltiplas experiências, marcado pelas interações, descobertas e construções coletivas que compõem o cotidiano das crianças. Nesse contexto, a





escuta e a observação assumem um papel importante no fazer docente, pois permitem compreender os sentidos e significados que as crianças atribuem às suas ações, expressões e relações. Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Parecer CNE/CEB nº 20/2009), a prática pedagógica nessa etapa deve estar em consonância com os princípios éticos, políticos e estéticos, assegurando à criança o direito à expressão, à escuta e à participação nas experiências educativas.

Portanto, a observação nesta etapa é fundamental, pois é por meio dela que o professor compreende a criança. Segundo Freire (1996), o ato de observar não se restringe a registrar comportamentos, mas exige do educador um “olhar sensível e pensante”, capaz de romper com o modelo autoritário e cristalizado de ensino. Para a autora, “a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante” (Freire, 1996, p. 1). Assim, observar implica atenção e presença, um exercício que envolve o olhar e o pensar, e se torna um caminho para compreender a criança e a transforma a prática pedagógica.

A Pedagogia em participação concebe a criança como sujeito ativo. Ver a criança “[...] como pessoa, um ser com autonomia e participação, um ser com direito à coconstrução da sua jornada de aprendizagem” (Oliveira-Formosinho; Formosinho, 2017, p.118) capaz de construir conhecimento e sentido sobre o mundo. Essa abordagem valoriza a documentação pedagógica como um processo de observação e reflexão, no qual o professor registra, interpreta e devolve às crianças suas experiências, possibilitando que elas reconheçam o valor de suas ações. Os autores afirmam que o caminho que se deparou à Pedagogia-em-Participação foi o de ver e escutar ativamente a criança, prestando-lhe uma atenção consciente e documentando seu fazer, sentir, pensar e dizer (Oliveira-Formosinho, 2017).

Essas concepções se articulam com que propõe o livro *Círculos de Cultura da Infância* (CRIA), no qual reconhece as crianças como centro das ações e da mediação docente. A obra amplia essa discussão ao apresentar também sobre as narrativas do cotidiano, como um fio condutor das aprendizagens e das estratégias de planejamento docente. Para Silva e Almeida (2024), narrar o cotidiano é transformar a observação e a escuta em reflexão e ação pedagógica, possibilitando que o professor compreenda os significados das experiências vividas pelas crianças e ressignifique sua prática. Elas reforçam que “a observação, a escuta e o registro do que fazem, dizem e demonstram os bebês e crianças por meio da brincadeira e das interações são princípios basilares da ação pedagógica” (Silva; Almeida, 2024, p. 130).

Dessa forma, a escuta, a observação e a narrativa constituem pilares fundamentais para uma educação que valoriza o protagonismo infantil e transforma o cotidiano em espaço de aprendizagem viva. Carvalho e Fochi, (2017, p.38) afirmam que: A aprendizagem não





acontece por transmissão ou reprodução. É um processo no qual cada criança constrói para si mesma as razões, os “porquês”, os significados das coisas, dos outros, da natureza, dos acontecimentos, da realidade e da vida”. Assim, o cotidiano se transforma em um espaço de escuta, observação e pesquisa, em que as crianças são protagonistas de suas aprendizagens e o educador atua como mediador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências analisadas foram registradas em duas narrativas do cotidiano produzidas durante o desenvolvimento do projeto. As mesmas foram intituladas como: “Água Vaporosa” e “De onde a chuva vem?”, no qual documentam momentos de diálogo, imaginação e descobertas, revelando a riqueza das interações infantis e o papel do professor como mediador atento e sensível. Para compreender como a escuta, a observação e a narrativa do cotidiano se manifestam no contexto da Educação Infantil, essa análise está dividida em dois episódios, como pode-se observar nas figuras a seguir:

Figura 02: Narrativa do cotidiano do turno matutino



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID
PROJETO INSTITUCIONAL MICRORREDE
ENSINO-APRENDIZAGEM-FORMAÇÃO - SUBPROJETO PEDAGOGIA
COORDENADORA - DRA^a LARISSA MONIQUE DE SOUZA ALMEIDA
SUPERVISORA - MILANE OLIVEIRA

ÁGUA VAPOROSA

Nataliane Souza Bispo

Era uma semana especial na Escola Centro Educacional Infantil Jorge Luiz: a Semana Mundial da Água, celebrada no dia 22 de março. Todos os dias, a escola preparava atividades diferentes relacionadas ao tema, despertando nas crianças curiosidade e encantamento.

Naquele dia, após a divertida produção de geladinhos - picolé preparado em pequenos sacos plásticos, sendo uma sobremesa gelada muito popular no Brasil - a professora Milane aproveitou o momento para fazer uma revisão com a turma da aula anterior que havia trabalhado os três estados físicos da água: líquido, sólido e gasoso, então ela pergunta:

— De onde vem a chuva?

Por um instante, o silêncio tomou conta da sala, até que Maria Aparecida, com olhos brilhando de imaginação, respondeu:

— A chuva é a lágrima da nuvem.

José logo emendou:

— É porque Jesus está feliz e manda água.

E em um grande coro, muitas vozinhas responderam:

— Das nuvens!

Após muitos zum-zum-zum na sala, a professora Milane continuou a investigação:

— E como é que a água vira chuva?

Thalia muito tímida, sussurrando disse que a água vinha do mar. Mas, de repente, uma voz suave e tranquila se destacou no meio da conversa:

— Vaporosa, vaporosa...

Era João Miguel, tentando explicar do seu jeitinho que a água parada como a da piscina, quando esquenta, vira vapor. Imediatamente, todos os olhares se voltaram para ele, que naquele momento parecia um pequeno cientista dando aula.

— Quando a água está na piscina, acontece o quê? — incentivou a professora, curiosa para saber mais.

— Ela vira vaporosa! — respondeu João com firmeza.

— E por que isso acontece?

— Porque o sol esquenta ela e ela vira vaporosa.

— E quando ela chega no céu, o que acontece?

— Ela vira chuva.

— E como ela vira chuva?

— Quando vira nuvens cinzentas.

— É assim mesmo, João? — perguntou a professora, surpresa e encantada com a explicação.

João confirmou com um sorriso:

— É... é assim que vira a chuva!

Naquele momento, todos ficaram encantados com a explicação do colega. A professora Milane aproveitou aquele momento para reforçar como a água é importante. E assim, entre descobertas e muita imaginação, a manhã foi se enchendo de conhecimento.



Crianças participantes:

Maria Aparecida Miranda dos Santos (4 anos, 11 meses)
José Emanuel Santos Silva (5 anos)
Thalia Vitória Marinho de Santana (4 anos, 7 meses)
João Miguel da Silva Sanches (4 anos, 9 meses)

Centro de Educação Infantil Jorge Luiz Oliveira de Jesus, Jequié - Bahia.
24 de mar, 2025.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Esta narrativa, conforme observado na figura 1, evidencia o quanto a observação e a escuta são fundamentais na Educação Infantil para compreender o modo como as crianças constroem saberes sobre o mundo que as cerca. É interessante observar que, mesmo após a professora ter abordado o tema anteriormente, as crianças continuam demonstrando curiosidade e interesse genuíno em compreender os fenômenos da natureza. Suas falas




revelam que o pensamento infantil não parte do vazio, mas de experiências e significados construídos a partir da convivência com o mundo. Essa constatação vai ao encontro do pensamento de Paulo Freire (2019), quando critica a concepção bancária da educação e rejeita a ideia de que o educando seja uma “tábula rasa”. Para o autor, todo sujeito é portador de saberes e experiências, e o ato educativo deve partir desse conhecimento prévio.

Maria Aparecida, ao dizer que “a chuva é a lágrima da nuvem”, expressa poeticamente uma leitura afetiva da natureza. José, relaciona o fenômeno ao divino, afirmando que “Jesus está feliz e manda água”, demonstrando como suas compreensões são atravessadas pela cultura e pelas crenças que fazem parte de seu contexto. Já a curiosidade de João Miguel, ao relacionar o vapor com a “fumaça da água”, mostra a capacidade das crianças de formular hipóteses e buscar explicações a partir de suas experiências concretas.

Essas falas revelam o modo como o pensamento infantil combina imaginação, emoção e experiência, construindo interpretações próprias sobre o mundo que a cerca. Nesse sentido, o papel do professor, como destaca Madalena Freire (1996), é observar com sensibilidade e escuta ativa, reconhecendo que cada expressão infantil é uma forma legítima de conhecimento e uma oportunidade para ampliar os processos de aprendizagem. Carvalho (2017), também vem afirmar que o olhar docente se abre ao extraordinário. Um olhar que é capaz de perceber nas pequenas ações e falas das crianças, os indícios de pensamento, imaginação e curiosidade que orientam suas aprendizagens. A seguir, na Figura 03, apresenta-se a narrativa referente a turma do G4 vespertino, que evidencia outras formas de expressões e construção de conhecimento pelas crianças.


Figura 03: Narrativa do cotidiano do turno vespertino



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID
PROJETO INSTITUCIONAL MICRORREDE ENSINO-APRENDIZAGEM-FORMAÇÃO -
SUBPROJETO PEDAGOGIA
COORDENADORA - DRA LARISSA MONIQUE DE SOUZA ALMEIDA
SUPERVISORA - MILANE OLIVEIRA

DA ONDE A CHUVA VEM?

Ana Carolina Barbosa Santos
Gabrielly Santos Souza



Na semana do dia 22 de março, em comemoração ao dia da água, o CEI Jorge Luiz vivenciou muitos momentos ricos com o tema “A água”. A professora Milane, com muito entusiasmo, ornamentou toda a sala com: cartazes, nuvens com gotinhas, guarda-chuva com gotinhas... e nesse dia em específico, dia 24/03, também trouxe músicas que falavam da chuva e da importância da água no nosso dia a dia, e o mais legal, nesse dia eles fariam “apolo”, conhecido como geladinho, gelinho, sacolé e etc. Nesse mesmo dia, a professora Milane conduziu uma rodinha de conversas, relembrando as crianças os estados da água. E dando continuidade as atividades da semana, trouxe um guarda-chuva com gotinhas penduradas, despertando ainda mais o encantamento dos pequenos.

Durante a conversa, a professora fez uma pergunta provocativa: “Como é feita a chuva?”, a partir daí, foi que começou uma chuva de ideias. Alguns dos pequenos, disseram que a chuva vinha das nuvens, mas quando a pró perguntava “tá, mas como”, o

olhar pensativo tomava conta. Até que Lunna Barbosa, com os olhos brilhando e cheia de certeza, respondeu:

-Pró Mila, eu sei... Vem do raio!!!!

Lunna explicou o porquê que a água vem do raio mas como estavam todos animados para compartilhar, seus saberes, acabou que não deu para escutar, então a Pró Mila pergunta para todas as crianças:

- Quem acredita igual Lunna, que a chuva vem do trovão?

- Eu!!

- Eu!!

- Eu!!

- E depois, foi Breno que disse que vem do céu, não foi?

- Não!

- Quem foi quem disse que vem do céu? foi Deivid, não foi Deivid? Deivid disse que vem do céu, quem acredita que vem do céu igual Deivid?

- Eu!

- Eu!

- Eu!


- E depois, quem disse que vem da nuvem? Você disse que vinha da nuvem, quem acredita que vem da nuvem?

- Eu!

- Eu!

- A Pró pediu para explicar: o quê que vinha do raio, aí Lunna disse o que? Explica aí de novo, o coleguinha estava fazendo bagunça aí não deu para escutar. Porque a água vem do raio do trovão? Explica aí!!

- Tá bom, vou explicar tuuudo de novo!!







- Viu, eu estou ouvindo, vou prestar atenção, todo mundo que estiver fazendo bagunça parou. Lunna vai explicar porque a chuva vem do raio.

- A chuva vem do raio, por causa das sereias! Então o raio vem do céu, e as sereias precisam de água para nadar, igual essa que está, na sua tiara.

- Igual essa, essa daqui!

- Sim!

- E dá onde vem a água vem? A água da chuva vem dá onde?

- Do trovão!

- E como ela aparece no trovão?



- É por caso que soltou o raio, aí o rodaminho e assim.

- É um rodaminho?

- É, o raio é o rodaminho só, que aparece toda vez que você assiste!

- É?

- Ninguém gosta de filme de terror aqui, só os adultos!

- Quem mais quer explicar, de onde a chuva vem? Lunna já explicou e agora tem mais alguém que consegue explicar de onde a chuva vem?

- Eu!

- Eu!

- Eu nem terminei de falar (disse Lunna)

- Ah não terminou não, eu pensei que tinha terminado, continue, sim.

- Que a água pode viver do rio ou do mar, ou de lá de cima.

- Entendi, pode vim desses três lugares, de onde a chuva vem. Tem mais alguma coisa? Que você quer falar, pode falar!

- E também pode viver na piscina ou no parque aquático, ou também pra tomar

banho e para beber!

- A pró está perguntando de onde a chuva vem?

- Dá nuvem!

- E como faz a nuvem Devid? Você sabe?

- Sei, com água quente!

- E como à água quente vai lá pra nuvem?

- Com frio!

- como isso?

- Se ele visse do frio ia estoporar e derreter. (Disse Lunna cheia de certeza)

- A poeira vai lá pro céu!

- É a poeira que faz a nuvem!

A tarde foi recheada de criatividade e de cultura, percebemos que uma simples pergunta "De onde vem a chuva" abriu um leque de imaginação das crianças, gerando várias hipóteses, todos queriam explicar de onde a água vem! Esse trabalho só é possível por um olhar atento do professor (a).

Crianças participantes:

Lunna Barbosa Camilo da Silva (4 anos e 10 meses)

Devid Rodrigues dos Santos (4 anos e 6 meses)

Ayan Xavier Oliveira (4 anos e 11 meses)

Kaio Santos Vieira (4 anos e 4 meses)

Gael Nascimento Sales (4 anos e 4 meses)

Lorenzo Gomes Nascimento (5 anos)

Éster Santana Bomfim (4 anos e 11 meses)

Centro de Educação Infantil Jorge Luiz Oliveira de Jesus, Jequié - Bahia
24 de mar, 2025

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Como observado, as hipóteses levantadas pelas crianças, que a chuva vem “das nuvens”, “de Deus” ou que “as nuvens se espremem”, mostram como o pensamento infantil combina imaginação, experiência e lógica, compondo interpretações próprias sobre os fenômenos naturais. Essa forma de pensar demonstra o que Carvalho e Fochi (2017) denominam de aprendizagem como processo de significação, no qual cada criança busca compreender o mundo a partir de suas vivências. Lunna, usou da sua imaginação ao afirmar que “a chuva vem do raio, por causa das sereias”, justamente para explicar o fenômeno natural que é a chuva. Esses elementos da fantasia e da cultura, pensado para dar sentido ao que se observa no mundo, mostra que sua aprendizagem não é uma simples reprodução do que ouviu, mas uma criação própria.

Nestas análises é possível observar que embora se trata do mesmo grupo etário, nota-se a diferença nas formas de pensar e se expressar, evidenciando a singularidade de cada turma no processo de aprendizagem. No G4 matutino, por exemplo, o diálogo girou em torno da ideia de que a água “vira vaporosa”, mostrando uma aproximação com noções científicas, já no G4 vespertino, surgiram explicações fantasiosas expressando a força da imaginação como forma legítima de interpretação do mundo. Essas narrativas apresentam o que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apontam como princípios fundamentais da prática pedagógica: o ético, ao valorizar a escuta e o respeito às singularidades infantis; o político, ao garantir o direito à participação e ao diálogo; e o estético, ao promover a sensibilidade, a ludicidade e o encantamento nas experiências de aprendizagem.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Ao refletir sobre as vivências proporcionadas durante essa experiência registrada, foram identificados que a escuta, o diálogo e a observação são importantes na Educação Infantil. As experiências mostraram que, quando o professor acolhe as curiosidades das crianças e cria espaço para que elas falem e expressem suas ideias, o aprendizado se torna mais significativo e prazeroso. As narrativas do cotidiano ajudaram a compreender o quanto as crianças pensam, imaginam e constroem explicações próprias sobre o mundo. A partir de uma simples pergunta, “De onde vem a chuva?”, surgiram muitas hipóteses criativas, revelando o protagonismo infantil e o papel do educador como mediador das descobertas.

Esse trabalho também contribuiu para repensar a prática docente, mostrando a importância de planejar com intencionalidade e sensibilidade, respeitando o tempo e as expressões de cada criança. No entanto, fica evidente, que a escuta ativa e a valorização das vozes infantis fortalecem o vínculo entre escola e universidade, além de inspirar novas reflexões sobre a prática pedagógica e a importância de enxergar a criança como sujeito de direitos e protagonista das aprendizagens.

Ao analisar essas situações, compreende-se que o ato de perguntar, escutar e narrar o cotidiano configura-se como uma potente estratégia de ensino e reflexão, em que o brincar, o imaginar e o investigar se entrelaçam na construção de saberes. Essa experiência foi essencial para a formação dos envolvidos, pois possibilitou perceber que uma criança ativa, aliada a uma mediação docente sensível e a uma intencionalidade pedagógica, favorece que ela imagine, formule hipóteses e desenvolva seu aprendizado de forma significativa. Ouvir cada um, permitiu compreender a potência da escuta ativa e reconhecer a criança como protagonista, ser social e produtora de cultura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/CNE, 2009.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sergio. **Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil**. Em Aberto, Brasília, v. 30, n. 100, p. 1–192, set./dez. 2017

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 91. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019





MORESI, E. (Org.). **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB, 2003. Disponível em: <https://inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA, Larissa Monique de Souza. **Círculos de Culturas da Infância**: Narrativas do cotidiano da Educação Infantil. São Paulo: Pedro & João Editores, 2024.

SOUZA, Warley. **Liev Tolstói**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/liev-tolstoi.htm>. Acesso em: 16 out. 2025.

